

CÔA VISO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 0 • ANO DE 1998



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Aldeia Nova

– Resultados de uma primeira sondagem

SUSANA RODRIGUES COSME

Arqueóloga na Casa do Infante, no Porto e investigadora do grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

INTRODUÇÃO / OBJECTIVOS

O Projecto de escavações arqueológicas no Monte do Castelo de Calabre integra-se na linha de investigação de história medieval do Grupo de Estudos da História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (GEHVID) que visa, congregando esforços de historiadores e arqueólogos, no sentido de desenvolver uma investigação aprofundada sobre a história da vinha e do vinho na região produtora do Alto Douro, desde as origens desse vinhedo, prestando particular atenção aos períodos mais antigos e, procurando assim, entender as continuidades e rupturas do povoamento na transição da época romana para a idade média e durante esta. Este trabalho está a ser feito em paralelo com outros projectos, nomeadamente, no Castelo de Numão, na Abadia Velha de Salzedas e no Castelo de Anciães.

A opção de estudar o Monte do Castelo de Calabre advém do interesse de verificar a exactidão da suposta localização da cidade de *Caliabria*, interesse esse que é reforçado pelo conjunto de problemas históricos e arqueológicos que este local suscita e pela contribuição que o seu estudo pode dar para um melhor conhecimento da ocupação visigótica nesta região fronteiriça do país, que ainda hoje é tão mal conhecida.

ASPECTOS DA HISTÓRIA DE CALIÁBRIA

Muitos foram os historiadores que desde as épocas mais recuadas se debruçaram sobre o estudo de *Caliabria*¹, destes estudos resultou um conjunto de informações nem sempre rigorosas, por vezes, contraditórias ou mesmo imprecisas.

Da bibliografia consultada expomos alguns dados fundamentais para uma melhor compreensão da investigação que estamos a desenvolver, deixando, no entanto, a confirmação destes para os historiadores que a ela se dedicam.

Da tradição popular advém a convicção de que a ocupação de *Caliabria* é do “tempo dos mouros”

e que de lá vieram, monte abaixo, as pedras de cantaria que ajudaram à construção de edificações mais recentes, na área baixa envolvente do monte, como acontece na Quinta da Olga, situada a pouco mais de um quilómetro para Este do Monte do Castelo, bem como, de uns armazéns situados na Canada do Armazém.

Da tradição histórica advém a convicção de que o Monte do Castelo sofreu, desde muito cedo, ocupação humana. A historiografia refere-se a este local como “castro” ou “cidade”, atribuindo-lhe uma ocupação pré-romana e chamando-lhe “Cidade Proto-Histórica de *Caliabria*”². Da ocupação romana ter-se-iam aí encontrado mosaicos, bem como três sepulturas feitas de grandes e finos tijolos, que foram destruídas³.

Nas actas do concílio de Lugo, refere-se *Caliabria* como sendo paróquia do bispado de Viseu, adiantando que este local passou a ser sede episcopal no tempo dos “Godos”⁴, englobando um considerável lote de igrejas do território de Riba Côa. O Padre Francisco Vaz chama-lhe “Mãe da Fé”⁵. A reconstituição do bispado de *Caliabria* tem-se mostrado problemática, sendo ainda vigente a polémica acerca da verdadeira *Caliabria*, que alguns autores querem que seja uma cidade homónima, situada em Espanha⁶.

O Paroquial Suévico (579) refere a paróquia de *Caliabria* situada dentro do bispado de Viseu, tendo um escriba posterior acrescentado “...quae apud Gothos postea sedes fuit...”. Na divisão dos bispados, atribuída ao rei Wamba, no séc VII, *Caliabria* confina com Lamego e Viseu a ocidente e com Salamanca a oriente. É a Vitérico, que reinou de 603 a 610 a quem, provavelmente, se deve a erecção da diocese de *Caliabria*, desmembrando-a da de Viseu, tendo sido também nesse período que aí se cunhou moeda, das quais apenas se conhece um exemplar, partida em três

² ALARCÃO: 1988; CABRAL: 1963.

³ LEAL: 1874; VITERBO: 1966.

⁴ ALMEIDA: 1967; COSTA: 1979; DAVID: 1947

⁵ VAZ: 1993.

⁶ PINHARANDA, J. Gomes, *História da Diocese da Guarda*, Braga, 1891, referido em VAZ: 1993, p. 37.

⁷ CABRAL: ob. cit.

¹ Ver fotografia 1.

pedaços e incompleta. Encontrava-se no Museu Arqueológico Nacional em Madrid. Esta, bem como a quase totalidade das moedas de ouro que o museu possuía, entre elas as visigóticas, perderam-se durante a Guerra Civil espanhola. Vale-nos o catálogo que havia sido publicado três meses antes do sucedido, por D. Felipe Mateu y Llopis, onde esta moeda está catalogada com o n.º 312. Continuamos, no entanto sem saber onde foi encontrada, antes de ser levada para o Museu ⁸.

Os Bispos de *Caliábria* figuram nos Concílios de Toledo desde 633 até 693, deixando de existir após a invasão árabe, sendo *Caliábria* arrasada pelos invasores. A sede episcopal passa, na restauração das Hespanhas, para Ciudad Rodrigo ⁹.

Em 1171, D. Fernando II de Leão doou as ruínas da cidade, "*civitatem dictam Caliabrium quae jacet inter Coam et Agadam*", com outras propriedades à Catedral de Ciudad Rodrigo, cujo primeiro Bispo usou o título de "*Episcopus Caliabriensis*" enquanto o Papa não reconheceu a erecção da nova diocese, o que veio a suceder em 1175 ¹⁰.

Na carta de foral concedida, em 1171, por D. Afonso Henriques a Urros, na margem norte do Douro, ao delimitar o seu termo refere-se "*a la cabeça de Caliabria... et inde per foz de Cola*".

Em 1209 encontramos *Caliábria* fazendo parte do termo de Castelo Rodrigo ¹¹.

Em 1659 Tamayo de Salazar afirma que *Caliábria* é uma "*... civitas vetustissima in Lusitania Hispaniae, -situava-se- supra Dorium fluvium in vertice montis excelsi sita, quam hodie Oppidani Calabre vocitant in Território Almendra. Nunc ejus ruinae visuntur et murorum strues, licet temporum anfractibus intercise diruta, qua et in ejus terminis inscriptiones sepulchrales, romanis litteris in cisae, plurimae reperiuntur, urbis antiquitatem praeferunt et canitiem manifestant*" ¹².

CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Na freguesia de Almendra correm o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. O rio Côa, que desagua no rio Douro, em Castelo Melhor, situa-se a poente da sede de freguesia, enquanto a ribeira de Aguiar passa a este e a Norte da povoação, também a Norte passa o rio Douro.

Almendra é centro produtor de cereais, azeite, lã e amêndoas. Uma cultura muito importante é,

sem dúvida, a da vinha, neste caso, destinada essencialmente à produção de Vinho do Porto, fazendo da freguesia de Almendra, zona demarcada. Quando os terrenos são propícios, planta-se a vinha, o que, no caso do Monte do Castelo, tem afectado as investigações arqueológicas no local ¹³. Para a boa qualidade destes produtos, contribui o clima, ou micro-clima, mediterrânico, com invernos frios e chuvosos e Verões quentes e secos.

A geologia desta freguesia divide-se principalmente em xistos e granitos, sendo a maior parte de xistos, onde se inclui a nossa zona de estudos.

RESULTADOS DA PROSPECÇÃO. "MONTE DO CASTELO"

O Monte do Castelo localiza-se na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda, surgindo na Carta Militar de Portugal (1:25 000) N.º 141, com o topónimo Castelo.

Os trabalhos realizados, em 1995, com a participação de Pedro Baêre de Faria e de Rosário Marques, centraram-se no levantamento bibliográfico e na prospecção da área de "Monte Calabre" bem como das zonas envolventes, nomeadamente Olival dos Telhões/ Aldeia Nova.

Quem olha o "Monte do Castelo" da estrada que leva à estação de caminho-de-ferro de Almendra vê uma elevação dominante, erguida no xisto da região, cujo topo forma uma longa e vasta planura, contornada a Leste e a Norte pelo rio Douro.

O caminho que conduz ao topo do monte é tão somente um caminho de pastor, íngreme, sobretudo no seu último troço, tornando a subida bastante difícil.

O planalto com que se depara no cimo do Monte resulta de dois planos inclinados, descendo um de nascente e outro de poente, confluindo numa linha que se orienta entre Noroeste e Sudoeste, sendo o declive Este mais suave do que o de Oeste.

A "Tapada de Calabre", como lhe chamam em linguagem popular, encontra-se, a Sudeste, ocupada por um amendoal ainda hoje explorado. Na restante área predomina a vegetação rasteira, sobretudo giesta e, esporadicamente, algumas carvalheiras. Na zona de confluência dos dois planos inclinados que formam o planalto, notam-se traços da existência de uma linha de água, que ali correrá em época de maior abundância, como refere aliás a informação oral.

No decorrer da prospecção já efectuada, desde logo se tornou evidente uma muralha, de datação imprecisa, como o vestígio mais significativo da

⁸ MATEO Y LLOPIS: 1938; CABRAL, ob. cit.; Agradeço à Dr.ª Carmen Alfaro Asins, chefe do Departamento de Numismática e Medalhística do Museu Arqueológico Nacional de Madrid as preciosas informações sobre a moeda de *Caliábria*.

⁹ FLOREZ: 1786; VIVES GATELL: 1963; CABRAL: ob. cit.

¹⁰ CINTRA: 1959.

¹¹ CABRAL: 1968.

¹² Citado por FITA: 1913.

¹³ SOUSA: 1993.

presença humana no local, a qual é nitidamente visível a partir da meia encosta.

Esta muralha contorna todo o perímetro do planalto, numa extensão de aproximadamente mil e duzentos metros. Construída em xisto, sem recorrer ao uso de qualquer argamassa, subsiste apenas ao nível das suas fundações, sendo boa parte do "pano" Noroeste apenas adivinhável pela existência de um talude.

Dos troços de muralha que subsistem, há que considerar possíveis alterações do aparelho, levadas a cabo, ao longo do tempo, pelos habitantes da região, nomeadamente, pelos pastores que frequentemente por ali passam, como se pode comprovar pelos abrigos e outras estruturas, certamente associadas ao pastoreio, que abundam no interior do recinto muralhado. Não se encontram quaisquer vestígios de Portas, Torres ou Baluartes que confirmem a sua função defensiva.

Só com uma limpeza e sondagem junto à muralha a poderemos descrever e datar com segurança.

A prospecção levada a efeito na área cercada permitiu detectar dois silhares, um dos quais almofadado, que se encontram junto a uma vala de sondagem aberta pelo Nelson Rebanda do IPPAR, a qual revelou uma potência estratigráfica mínima, não permitindo fazer uma leitura de corte que traga novas informações sobre a ocupação do local. E ainda uma ara, descontextualizada, aparentando vestígios de inscrição de difícil leitura, fracturada ao nível do capitel. A par destes exemplos mais evidentes de ocupação humana, foram encontrados fragmentos de granito, inexistente na região. A nível de vestígios cerâmicos, recolheram-se materiais de construção, muito fragmentados e alguns fragmentos de recipientes, romanos comuns, de cor clara, de pequena dimensão e muito erodidos, através dos quais não é possível reconstituir formas, registando-se, para ambos os casos a fraca ocorrência.

Nem a denominação nem a localização de *Caliábria* são pacíficas.

Este projecto de investigação tem como principal objectivo esclarecer a existência no "Monte do Castelo" de uma ocupação humana, qual o seu tipo e quais as suas relações com a área circundante. Seria um reduto defensivo? Um santuário? O povoado situava-se aqui ou na zona baixa? Era realmente aqui *Caliábria* ou num outro local?

O rol de questões continua. Quem e quando o terá povoado? Quais as causas do seu abandono?

Há que esclarecer, ainda, a escassez de materiais e de estruturas dentro do perímetro de muralhas, o que não será tarefa fácil, dada a pequena potência estratigráfica da área, como se referiu anteriormente.

Outro ponto que pretendemos aclarar é o da possível relação entre o "Monte do Castelo" e

Aldeia Nova o que nos parece provável, dada a proximidade dos dois locais e a contemporaneidade dos materiais aí encontrados.¹⁴

Foi no seguimento deste contexto que iniciámos as investigações em Aldeia Nova onde realizamos sondagens arqueológicas.

ALDEIA NOVA

A cerca de um quilómetro para Sul de "Monte Calabre", localiza-se o sítio a que popularmente se chama "Aldeia Nova" e "Olival dos Telhões", dividido pela estrada que conduz à estação de caminho-de-ferro de Almendra, facto que, em nossa opinião, justifica a dupla toponímia.

É da historiografia que nos vêm as primeiras referências a Aldeia Nova, um descampado que é tradição ter sido uma grande povoação¹⁵, a 2,5 Km da foz do Aguiar e mesmo junto ao ângulo que formam o Douro e o Águeda.

Consta que, aí, existia uma antiga Capela de Santo Cristo onde se teria encontrado uma lápide (com 0,35 cm de altura e 0,73 cm de comprimento com letras bem trabalhadas), que se encontra hoje na Capela de Santo Cristo em Barca d'Alva¹⁶. Por outro lado, há referências a uma Capela de Santa Maria de Aldeia Nova, mas a sua localização continua a ser desconhecida.

A prospecção no local revelou abundância de materiais, quer de construção, quer cerâmicos: um fragmento de *sigillata* sudgálica, fragmentos de *sigillata* hispânica tardia, cerâmica pintada com bandas em ocre vermelho; cerâmica comum de pasta clara¹⁷. Fundos de dolia bastante erodidos. Esta identificação é reforçada pelo achado de um fragmento de *opus signinum* e pela presença de um fuste granítico recentemente desenterrado. A cerâmica comum é caracterizada por alguns fragmentos de potes e panelas de pasta grosseira com desengordurante de grandes dimensões. A decoração mais frequente é um ondulado inciso¹⁸. A cronologia destes materiais é difícil de aferir, mas, segundo o Dr.º António Silva, podem bem ser alti-medievais, no entanto, não está bem conhecida a cerâmica desta época e, principalmente nesta zona do país, para termos paralelos que possam datá-los com segurança. Esperamos vir a encontrar materiais semelhantes em contexto arqueológico, para assim, numa próxima oportunidade termos mais dados sobre eles. Registe-se ainda o facto de se terem encontrado escórias, indiciando a existência de actividades mineiras de ferro e, até de ouro, proveniente da lavagem de

¹⁴ COSME e MARQUES: no prelo.

¹⁵ LEAL, ob. cit.

¹⁶ CABRAL: 1963.

¹⁷ Ver fotografia 2.

¹⁸ Ver fotografia 3.

aluviões dos rios¹⁹. Foi detectado também, parte do dormente de uma mó manual.

Nos limites da freguesia de Almendra, está a ermida de Nossa Senhora do Campo que tem duas imagens do mesmo título e ainda a Nossa Senhora dos Prazeres. É uma capela de nave única, o altar é em talha dourada setecentista, mas repintado. Desconhece-se a data da sua fundação²⁰. Há que ter em conta, no entanto, uma inscrição que se encontra na parede lateral sul, e que não conseguir, devido à altura a que se encontra, desta estar invertida, o que sugere um reaproveitamento da pedra, e à luz do dia não ser propícia para a sua leitura. A Capela fica situada no vale da Ribeira de Aguiar, a cinco quilómetros do rio Douro.

Segundo a tradição popular, era junto à Capela que ficavam as portas da cidade, chamadas "Portas do Sol", as quais já não existem, mas que a mesma tradição não esqueceu. Encoberta por um silvado e junto a um muro da parte de dentro, do lado Sul, fronteiro à Capela de Nossa Senhora do Campo, situada no fundo do vale cavado até às profundezas, ficava a cisterna ou depósito de água para consumo das gentes e gados da "cidade"²¹. Os terrenos que ficam a sul do Monte do Castelo, actualmente, ainda são conhecidos como as Portas do Sol.

Entre os dias 16 e 21 de Setembro de 1996, realizaram-se as primeiras sondagens arqueológicas em Aldeia Nova, com a colaboração de Rosário Marques.

A sondagem realizou-se entre as coordenadas:

$$\begin{aligned} M &= 94660 - 94690 \\ &= 150430 - 150470 \end{aligned}$$

Foram abertas três valas de sondagem, após a implantação de uma quadricula.

Na **sondagem 1**, de 4 m N - S por 2 m W - E, após uma primeira camada de cerca de 10 cm, constituída por terras de remeximento da prática agrícola, surgiu uma outra camada muito compacta pelo que, devido à falta de meios humanos e de material adequado às suas características, se resolveu deixar para uma segunda campanha que se prevê executar com mais meios.

Decidiu-se abrir a **sondagem 2**, de 2 m por 2 m, em que a cerca de 10 cm se detectou a rocha base, xisto, rapada pela máquina da lavra do terreno. A primeira camada, de remeximento, revelou parco espólio, basicamente constituído por material de construção romano.

A **sondagem 3**²² de 3 m por 2 m, cujo local foi escolhido devido à proximidade do fuste romano, detectado após a lavra, apresentava, tal

como as sondagens anteriores, uma primeira camada de terra de remeximento, castanha, mais ou menos solta, com pouco material cerâmico, que não permite a identificação de formas. A segunda camada, de terra castanha com xisto e uma espécie de "argamassa", após a qual surge uma camada castanha compacta que cobria um muro, em xisto, tendo no entanto uma pedra de granito, estranho à região. O muro encontra-se ao nível do alicerce, com apenas uma fiada de pedras. Encontra-se encaixado na rocha base, tendo esta sido cortada para o efeito. Foi detectado um cunhal, o que permite conhecer a orientação da estrutura. A largura do muro é de 50 cm, apresentando um aparelho de face e testa. Não sendo de granito, sugere o aproveitamento da matéria-prima local. Iniciou-se a escavação de uma camada de terra compacta, dura, com pedras que provavelmente será o enchimento da vala de fundação do muro. Foi apenas escavada a camada de terra castanha compacta, tendo-se mantido as pedras que delimitavam a vala de fundação.

Do material exumado destacam-se: fragmentos de *sigillata* hispânica tardia, cerâmica pintada e cerâmica comum de pasta grosseira com desgordurante de grandes dimensões. Do material de construção, além da habitual *tegulae*, regista-se a presença de *opus signinum*. Quanto aos metais encontraram-se pregos, escória e outros fragmentos de objectos não identificáveis.

Destas sondagens, podemos concluir que, temos que estar preparados para encontrar rocha - base quase à superfície, que apesar da falta de sorte nas duas primeiras sondagens, as referências bibliográficas, os cortes feitos pela abertura da estrada, que nos dão uma leitura estratigráfica, bastante interessante, e os materiais de superfície não são erros dos nossos historiadores ou meras ilusões nossas, existiu ocupação humana no local. A sondagem 3 é prova disso. Tudo indica que seja da época romana, quer pelos materiais exumados, quer pela estrutura encontrada. Há, no entanto, que alargar a área de escavações, para podermos compreender a funcionalidade das estruturas, recolhermos materiais que nos tragam mais aches, cronológicas e socio-culturais.

Em paralelo, com este trabalho de tentativa de um melhor conhecimento do povoamento da região, desde a transição da época Romana para a Alti-medieval, e durante toda a Idade Média, iniciámos um estudo da rede viária na zona. Apesar de não serem conhecidas vias romanas, principais ou secundárias, para esta zona, das vias medievais, Sande Lemos, apenas referir o "Carril Mourisco", mas fazendo-o passar o Douro no Povoado de Alva, pela Calçada de Alpajares, a alguns quilómetros do Monte do Castelo²³. Apesar de tudo isto, resolvemos, nesta primeira fase, começar com

¹⁹ CABRAL: 1963.

²⁰ SOUSA: ob. cit.

²¹ CABRAL: 1963.

²² Ver fotografia 3.

²³ LEMOS: 1993.

o trabalho de campo refazendo o caminho de Almendra até ao Douro ²⁴.

Seguindo o caminho de Almendra em direcção ao Douro, pelo caminho antigo, passando pelo vale D. Sancho, pela Eira das Forcas, a Cruz da Arelha, o Cabeço da Encosta, e atravessando a Ribeira de Aguiar, junto à Capela da Senhora do Campo, hoje, por uma ponte que sofreu várias obras, entre as quais, a mais recente em 1967, quando alargaram o tabuleiro e fizeram as guardas da ponte. Por baixo de um tabuleiro de alcatrão, deparamos com uma ponte medieval de dois arcos, com talha-mar triangular, de uma construção perfeita, com siglas e uma inscrição, em três pedras virada a montante.

A partir da Capela da Senhora do Campo o caminho bifurca, um segue a oeste e o outro a este da actual estrada, que leva à estação de Caminhos de Ferro de Almendra, voltando a entroncar-se perto da Quinta do Caldeira e no mesmo sítio voltando a separar-se, seguindo um rodeando o sopé do Monte do Castelo e dirigindo-se ao rio Douro, onde hoje está a estação de Caminhos de Ferro, enquanto o outro, contorna a Canada do Armazém, passando junto ao Douro no único local onde, em certas alturas, é possível atravessá-lo a pé. Ainda hoje há memória de passar o Douro a pé ou a cavalo na zona da ilha ²⁵.

PERSPECTIVAS

Espera-se no mês de Agosto deste ano, alargar a **sondagem 3**, abrir uma outra vala, do lado oeste da estrada, fazer uma limpeza dos cortes da estrada para desenho e melhor interpretação dos mesmos. Este trabalho será realizado com a colaboração de jovens do concelho, através do Programa de Ocupação de Tempos Livres do Instituto da Juventude. Ao nível da rede viária as investigações vão continuar, com trabalhos em outros caminhos antigos da freguesia de Almendra e Castelo Melhor, bem como as suas ligações à margem norte do Douro, como ligações Norte/ Sul, e as suas ligações Este/ Oeste, com as possíveis passagens no Côa a Oeste, e neste caso não podemos descorar o topónimo "Carril" ou "Carris" como o Carril Mourisco de que nos fala Sande Lemos, bem como a Quinta da Barca. Há que ter em atenção também a localização de outros povoados da região, como é o caso da Quinta da Erva Moira a ser estudada pelo Gonçalves Guimarães. A Este, há que verificar outras passagens na Ribeira de Aguiar e no Rio Águeda.

Tanto as questões de Povoamento, como as da rede viária que lhe está associado, têm cada vez mais, que ser debatidas e entroncadas nos diversos estudos, que por vários investigadores estão a trabalhar no local. Sem este cruzar de informações, a investigação torna-se medíocre e o Concelho e o País, não avança na tão necessária como urgente, compreensão do que influenciou o seu presente - o seu passado.

BIBLIOGRAFIA

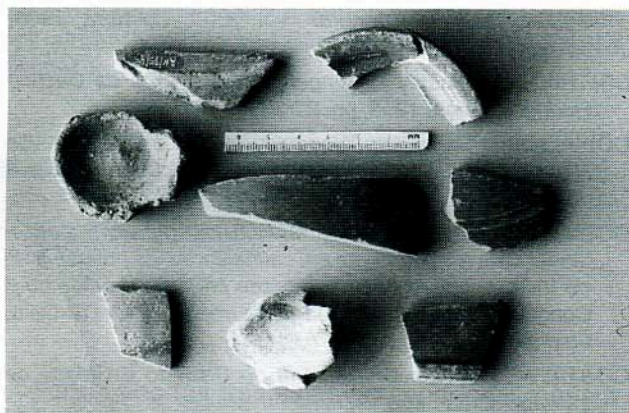
- ALARCÃO, Jorge, *Roman Portugal*, London, vol. II, fasc. I, 1988, p. 53-54.
- ALMEIDA, Fortunato - *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.63.
- CABRAL, A.A. Dinis - *História da cidade de Calábria, em Almendra - subsídios*, Ed. da Casa da Beira Alta, Porto, 1963.
- CABRAL, A.A. Dinis - *Algodres. Figueira de Castelo Rodrigo*, Edição da Liga dos Amigos do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, 1967.
- CABRAL, A.A. Dinis - *Carta de Foros da Vila de Castelo Rodrigo (1209-1508)*, in «Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra», vol. XXIII, Coimbra, 1968, pp. 147-150.
- CINTRA, L. F. Lindley - *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*, Lisboa, 1959, pp. 22-23.
- COIXÃO, A. N Sá - *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, V. N. Foz Côa, 1996, pp. 126-127 e 202-203.
- COSME, Susana Rodrigues e MARQUES, M.^a do Rosário - *Monte Calabre. Rupturas e Continuidades do povoamento do Vale do Douro durante a Idade Média*, in «Actas do II Congresso Internacional do Rio Douro», Vila Nova de Gaia, no prelo.
- COSTA, M. Gonçalves - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, II, Lamego, 1979.
- DAVID, Pierre - *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XI^e siècle*, Lisboa-Paris, p.37 e 45.
- FITA, S. J. Fidel - *Calábria Romana*, in «Boletín de la Real Academia de la Historia», LXII, 1913, pp. 173-182.
- FITA, S. J. Fidel - *Calábria y Ciudad Rodrigo*, in «Boletín de la Real Academia de la Historia», LXII, 1913, pp. 264-270.
- FLOREZ, Pe. Henrique - *España Sagrada*, Madrid, 1786, XIV, pp. 36-55, XIX, pp. 364-376, Ap. II, Tratado XLIII.
- GUIMARÃES, Gonçalves - *A estação arqueológica da Erva Moira - Muxagata, V. N. de Foz Côa*, in Revista «Douro - Estudos e Documentos», 1, GEHVID, Porto, 1996.
- LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, vol. II, Lisboa, 1874, pp. 47-48.
- LEMONS, F. de Sande - *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, Vol. I - b, Ed. Universidade do Minho, Braga, 1993, pp. 315-316.
- MATEO y LLOPIS, Felipe - *Catalogo de las Monedas Previsigodas y Visigodas del Gabinete Numismática del Museo Arqueológico Nacional*, Nº 312, Madrid, 1938.
- NETO, Joaquim Maria - *O Leste do Território Bracarense*, Torres Vedras, 1975.
- SOUZA, D. Gonçalo de Vasconcelos e - *Subsídios para o levantamento do Património Construído de Almendra*, Ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, V. N. Foz Côa, 1993.

²⁴ Neste trabalho de campo, tive a companhia e a preciosa ajuda do Dr.^o Paulo Dordio Gomes, ao qual agradeço.

²⁵ Agradeço as valiosas informações da Dr.^a Maria Clara de Sousa Leite.

VAZ, Pe. Francisco - "*Santa Maria de Riba Cõa*", Ed. Do Autor, Lisboa, 1993.

VEIGA, Francisco Antõnio - *O Castelo de Calábria*, Coimbra, 1856.



VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa - *Calábria*, in «*Elucidária*», II, 1966, pp. 61-63.

VIVES GATELL, Jose, MARIN MARTINEZ, Tomas, MARTINEZ DIEZ, Gonzalo - *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Instituto Enrique Florez, Barcelona-Madrid, 196.

